

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR (ENS)  
CURSO LETRAS – LINGUA PORTUGUESA

**COMBATER O BOM COMBATE: ESTILHAÇOS DA GUERRA PELA  
LIBERTAÇÃO DE ANGOLA EM *MAYOMBE*, DE PEPETELA**

Yama Talita Passos Monteiro

MANAUS – AM

2017

Yama Talita Passos Monteiro

**COMBATER O BOM COMBATE: ESTILHAÇOS DA GUERRA PELA  
LIBERTAÇÃO DE ANGOLA EM *MAYOMBE*, DE PEPETELA**

Artigo apresentado à disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas pela aluna Yama Talita Passos Monteiro como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora Renata Beatriz B. Rolon.

MANAUS – AM

2017

**BANCA AVALIADORA**

---

**Orientadora**

**Profa. Dra. Renata Beatriz B. Rolon (UEA)**

---

**Prof. Dr. Otávio Rios Portela (UEA)**

---

**Profa. Esp. Dayane Themoteo da Silva (SEMED)**

## COMBATER O BOM COMBATE: ESTILHAÇOS DA GUERRA PELA LIBERTAÇÃO DE ANGOLA EM *MAYOMBE*, DE PEPETELA

Yama Talita Passos Monteiro (UEA)<sup>1</sup>  
Renata Beatriz Brandespin Rolon (UEA – Orientadora)<sup>2</sup>

**RESUMO:** As literaturas que se comprometem em retratar fatos traumáticos como a guerra sujeitam-se a diversas questões que vão bem além de todas as páginas da narração. O presente artigo tem como objetivo investigar como os estilhaços da guerra pela libertação de Angola circulam dentro do romance angolano *Mayombe* (1980), de Pepetela. Conceitos como a memória e os relatos literários de guerra serão os fios condutores que levarão a evidenciar, enumerar e discutir os estilhaços que remontam os agentes que motivaram o combate armado, o homem-soldado e seus ideais para engrossar as fileiras da história, da libertação e da (re)criação da arte engajada.

**Palavras-chave:** Mayombe; Guerra; Angola; Pepetela; Memória.

---

<sup>1</sup> Aluna graduanda do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas

<sup>2</sup> Professora Doutora em Estudos Comparados de Literaturas e Língua Portuguesa – UEA

Composição da banca: Dr.<sup>a</sup>. Renata Rolon (Orientadora), Dr. Otávio Rios (UEA), Esp. Dayane Themoteo (SEMED).

Local: Sala Cleomar Feitosa – Escola Normal Superior UEA

Data: 01 de dezembro de 2017.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como motivação evidenciar o fio que conduz ao diálogo entre a guerra de libertação de Angola e os escritos literários que retratam esse acontecimento. Em seguida, analisaremos como as narrativas deste episódio se dispõem em meio aos estilhaços que a guerra deixou na/para a nação. Analisaremos também o trabalho que a literatura realizou ao tornar-se responsável por unificar e (re)construir uma nação desolada e silenciada. Compreendendo melhor como e por que se deu, entenderemos que as impressões da guerra em/no *Mayombe* são tidas como acontecimento maior que reinaugura a nação, e conseqüentemente fazem nascer os heróis, que em Angola são os guerrilheiros, figuras que, por meio de sua luta personificam os angolanos como os senhores de sua própria existência.

Carlos Maurício Pestana dos Santos é um dos muitos angolanos que se dispuseram a lutar por sua pátria. Fundando em 1964 o Centro de Estudos Angolanos, que tinha como objetivo auxiliar a luta armada em Angola, o autor entra na guerra e decide responder a convocação de seus camaradas em 1969, deslocando-se para Cabinda, onde se tornou responsável pela educação dos membros do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). No ano seguinte incorpora na guerrilha como jornalista do Partido, recebendo o nome de guerra “Pepetela”, que na língua umbundu significa “pestanda”.

Trazendo consigo a identidade de ser o primeiro dos diversos livros que evidenciam a intimidade que Pepetela criou com a guerrilha, *Mayombe* destaca-se por ter sido escrito quando o autor ainda fazia parte da luta armada em 1971. Dividido em cinco capítulos – A missão, A base, Ondina, A surucucu, A amoreira – e um epílogo, o romance demarca o dizer entre um narrador aparentemente neutro aos acontecimentos e os dizeres sobre a guerra, vindo dos próprios guerrilheiros. Todas as vezes em que os guerrilheiros irrompem a fala, podemos, graficamente, notar sua presença delineada para além do romance. Essas vozes são demarcadas por um tópico frasal introdutório em caixa alta, indicando o narrador da vez. A fonte também se destaca por estar em itálico, diferentemente das demais.

**EU, O NARRADOR, SOU MUNDO NOVO.**

*Recuso-me a acreditar no que diz Sem Medo. Lá está ele, ali, no meio dos jovens, rasgando-se nas raízes da mata, rastejando, triturando os ombros contra o solo duro, putrefato e húmido do Mayombe (...). Não posso acreditar, recuso-me a acreditar (...).*

O Comissário corria de um lado para o outro, em Dolisie, à procura do responsável, André. Este marcara-lhe encontro, na véspera à tarde, num

bar, e não apareceu. Na manhã do dia seguinte, o Comissário estava na casa de André às sete horas, mas já este se eclipsara. O Comissário mandou Verdade ficar no bureau, à espera, e partiu, entrando nos bares, cruzando as ruas, irrompendo pelas casas dos militantes (...).

*Podia ter ido ver a Ondina, desde que cheguei nem a procurei, e ando para aqui atrás dum homem que se esconde de mim! É isto um responsável? E Ondina deve estar furiosa por eu não ter aparecido.*

Voltou a passar pelo bureau às onze horas. Verdade montava a guarda (PEPETELA, 2013, p. 78-79).

Pepetela estabelece o diálogo entre três vozes dentro de um único episódio. A princípio, temos as declarações que o guerrilheiro Mundo Novo traz sobre as ações do comandante Sem Medo. Logo em seguida, a voz do narrador onisciente mostra o que estava acontecendo intimamente com o Comissário Político que, logo em seguida, toma a voz da narração sobre as atitudes que poderia ter tido enquanto estava atrás do camarada André. A polifonia<sup>3</sup> também apresenta-se quando Pepetela confronta a narração tradicional. O narrador não é o único dentro da história. Contudo, o que se quer mostrar é que em casos como a citação em que Mundo Novo narra sua versão, ele também confronta o comandante Sem Medo, que não somente dentro do romance, mas em uma missão militar real, seria a supremacia que não se contesta ou discute. Essa imersão de vozes, as lutas internas e externas, conflitos entre armados, amados e os desarmados traz, de acordo com Maria Helena Fontes (2011), um caráter antiépico para dentro da narrativa.

Por fim, para que possamos compreender como a pólvora inebriou o renascimento de Angola dentro da obra de Pepetela, elencamos alguns pontos que são importantes na construção da significação literária e social como um todo. Analisar a literatura como máquina de guerra nos leva diretamente ao soldado/escritor que usou a narração como trincheira para desgrilhoar-se da árdua realidade que era vivida na luta armada dentro da floresta Mayombe. Essa realidade instaura-se na repercussão da guerra, guerra esta que se faz presente na maioria dos romances de Pepetela. No romance aqui analisado veremos como as relações que a guerra pela guerra, a guerra e o homem e também a guerra contra o homem se estabelecem e trabalham na construção de personagens instruídos ideologicamente, assim como a história social de uma nação recriada ficcionalmente através de toda a poética narrativa de que Pepetela dispõe.

---

<sup>3</sup> Partindo do conceito que Bakhtin dispõe, temos aqui a Polifonia como a presença de diversas vozes relatando os acontecimentos não somente da guerra colonial, mas de suas muitas guerras.

## 1. A LITERATURA COMO MÁQUINA DE GUERRA

Vocês acreditam que vamos politizar alguma coisa? Aqui só a guerra é que politiza (PEPETELA, 2013, p. 26).

Em uma discussão sobre o papel da guerra dentro da literatura, principalmente a angolana, acredita-se que a contextualização de pontos como a presença de linhas escapatórias em romances do tipo de *Mayombe* funcione como um fio condutor de análise. Utilizando reflexões que François Zourabichvili (2004) dispõe, entende-se que Pepetela tece sua narrativa de guerra de forma que o contraste existente entre as impressões que a guerra desperta em sua construção narrativa seja elucidado. Baseando-nos ainda em Zourabichvili (2004, p.33) podemos afirmar que quando se presencia um acontecimento traumático, tal como a guerra, tende-se a utilizar meios necessários que nos distanciem desse fato. Esses meios, ao mesmo tempo que distanciam do fato, tornam o indivíduo mais propício a refletir e reafirmar todos os episódios acontecidos. Essas ferramentas são chamadas de linhas de fuga, e é por meio delas que conseguimos notar as linhas que Pepetela costura sua história, colocando a guerra interna entre os próprios guerrilheiros, a guerra pela identidade, a guerra pela sobrevivência e a guerra pela libertação de Angola sempre em evidência no tecido narrativo.

Seguindo este mesmo viés, Laura Padilha (1990, p.56) afirma que ter a luta armada como temática principal na literatura faz com que, apoiados em suas vivências nos campos de batalha, os escritores reconstruam e (re)fundamentem suas visões sobre uma pátria livre. Com isso, autores como Pepetela se voltam ao passado em suas narrativas não como forma de enaltecer as lutas ou somente como um exercício patriótico, mas retornar às trincheiras do Mayombe para questionarem os motivos e tentarem entender como esses acontecimentos, principalmente a guerra de libertação, trouxeram a identidade que hoje Angola detém. Por fim, entende-se que a escolha da literatura como máquina de guerra acaba adentrando o viés de que os autores enxergam as escrituras como aquela que pode agir em duas linhas de frente no combate: a política e a cultural.

Chegando à linha de frente política, a máquina de guerra, transposta no romance, toma o papel de denunciadora da fome, do desalento, da solidão e do descaso que o Partido tinha não somente para com os guerrilheiros, mas para com os compromissos e ideais estabelecidos para favorecer a nação angolana. Dentro de *Mayombe* vemos esse inimigo político na figura do personagem André que, por ser e ter uma autoridade maior, estava em

situação diferente dos demais companheiros militares, servindo apenas como mediador entre os guerrilheiros embrenhados na mata e o alto comando militar. Acercando-se à linha de frente cultural o romance encontra-se com a busca pela identidade angolana, pela aceitação da cor da pele, e ainda com a luta contra a cultura que o colonizador europeu impôs ao colonizado. Analisando esses pontos é possível identificar a imposição da cultura ocidental, como a presença do gênero épico, mas também nota-se a resistência de traços orientais como a tradição oral, pois, segundo a autora, Pepetela transmite a seus personagens características que lhes permitem dominar artes como a guerra, a floresta e questões míticas. Partindo disso, o simples “vou contar a história de Ogun”<sup>4</sup> faz com que se imagine que a tradição oral, aquela que é responsável por passar saberes e inteligências aos que ouvem através das palavras do *griot*, ainda perdura perante a imposição ocidental e pode ser utilizada como ferramenta para a construção de um palco em que discutem-se questões políticas, éticas e acima de tudo culturais de um povo.

Com isso, entende-se o *Mayombe* como sendo uma espécie de louvor à guerra, não por enaltecer a luta e a violência que cerca esse fato, mas a instituição guerra, a ferramenta que possibilitou que os guerrilheiros do Mayombe pudessem desafiar os deuses para conquistar a liberdade.

### **1.1. Os relatos do soldado/escritor na construção de um documento memorialista e histórico**

Como não era tipo para ficar só na invenção das estórias, tinha dois únicos caminhos na vida: ou escrevê-las ou vivê-las. A Revolução deu-me oportunidade de as criar na ação. Se não houvesse revolução, com certeza acabaria como escritor, que é outra maneira de se ser solitário (PEPETELA, 2013, p.117).

Buscamos a partir de então entender como a ideia de memória, trazida por Marcio Seligmann-Silva (2003) se movimenta dentro dos escritos angolanos, principalmente na obra de Pepetela. Por motivos metodológicos, não iremos propor um estudo aprofundado e tampouco uma extensa introdução ao conceito proposto, uma vez que o próprio *corpus* escolhido estrutura em si a tese significativa da memória. Para tanto, procuraremos esclarecer quais são os delineios que identificamos dentro do romance. Sabe-se que *Mayombe* é em si a materialização da história, da memória e da própria literatura, pois é

---

<sup>4</sup> Trecho da epígrafe que inicia o romance. (PEPETELA, 2013)



através de suas impressões sobre a guerra e sobre o próprio conflito que o autor transporta o leitor para todas as ações militares e reflexões sobre questões que vão bem além da luta colonial.

O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira. Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadrihavam a mata, tentando localizar nela a presença dos guerrilheiros. As casas tinham sido levantadas nessa clareira e as árvores, alegremente, formaram uma abóbada de ramos e folhas para as encobrir. Os paus serviram para as paredes. O capim do teto foi transportado de longe, de perto do Lombe. Um montículo foi lateralmente escavado e tornou-se forno para o pão. Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarraram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas. E os homens, vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais. A folhagem da abóbada não deixava penetrar o Sol e o capim não cresceu em baixo, no terreiro limpo que ligava as casas. Ligava, não: separava com amarelo, pois a ligação era feita pelo verde (PEPETELA, 2013, p. 67).

Passando por autores como Ondjaki, Luandino Vieira, Agostinho Neto e outros importantes autores da literatura angolana, nota-se que a memória se desloca através das linhas como forma de deixar mais clara a relação entre as percepções do passado e as impressões do presente, de forma que tal relação esteja inserida no universo imaginário, estético e documentário-social que o escritor pretende construir. A presença desse universo entorna ainda a roupagem lírica que a linguagem adotada nas literaturas toma quando segue o viés memorial. Por terem sido vítimas de episódios como a colonização e as guerras civis, diversas vozes angolanas clamam pela libertação de falares silenciados que querem fugir do passado e do esquecimento.

Partindo para o viés analítico compreenderemos como um evento histórico, como a guerra colonial, se materializa ao passar pelo crivo da linguagem e da memória e também como essa transfiguração se mostra diante da possível relação que há entre o cunho memorialista, o documental e o ficcional. A ideia de memória que Seligmann-Silva (2003) traz para a discussão é a de que todas as experiências do passado sejam relacionadas com as impressões do presente, reafirmando e questionando o que se mantém até hoje e o que se deixa de lado no campo das lembranças. Ainda baseados em Seligmann-Silva, compreendemos que muitas literaturas, principalmente a de Pepetela, trazem consigo o conceito de musealização. Tal conceito seria a conservação de acontecimentos passados como forma de sustentá-los e revisitá-los por meio da memória, mantendo então estes episódios com sua essência e talvez uma nova significação a cada visita. Pepetela recorre

à literatura para musealizar a guerra de libertação de Angola e utiliza suas sensações do passado para construir um universo estético que suporta o presente com imensa carga crítica e social. Sua experiência como guerrilheiro e sua vivência de batalha abrem portas para que a utilização do recurso rememorativo possibilite o ato de narrar àqueles que, mesmo silenciados, viriam marcar a linha do tempo memorial. Tal ato também contribuiria na edificação de um documento que seria ferramenta essencial na construção da identidade de uma Angola unificada.

A memória, seja a de Pepetela ou a de Angola no geral, está transposta na voz dos próprios guerrilheiros. Pode-se ver aqui que pontos como a própria polifonia estão em paralelo a conceitos como a memória, uma vez que Pepetela, recuperando o passado e os acontecimentos de guerrilha, dá voz aos camaradas combatentes para que, mesmo em ficção, eles representem a parcela da nação que até então estava calada, tanto pela guerra quanto pela sua própria crise identitária.

(...) lembro-me ainda das cenas de crianças atiradas contra as árvores, de homens enterrados até ao pescoço, cabeça de fora, e o trator passando, cortando as cabeças com a lâmina feita para abrir terra, para dar riqueza aos homens. Com que prazer destruí há bocado o buldozer!<sup>1</sup> Era parecido com aquele que arrancou a cabeça do meu pai. O buldozer não tem culpa, depende de quem o guia, é como a arma que se empunha.

Pepetela traz a reconstrução da memória em diversos pontos, não somente do romance aqui analisado, mas em sua literatura num geral. A estruturação de seus personagens, as situações impressas nos textos, o embate pessoal e a personificação dos cenários escolhidos fazem com que toda a memória, mesmo dialogando com a ficção, seja intensificada e fomente o valor histórico-documental em sua narrativa. O diálogo entre memória e ficção remonta a ideia de uma literatura necessária que se faz presente em *Mayombe*, uma vez que, vivenciando as linhas do combate armado, Pepetela utiliza-se da escritura da memória para perpetuar todo seu documentário histórico-social.

Executando o que chamamos de literatura de cunho testemunhal, o autor nos torna cúmplices de suas experiências, levando-nos por linhas e relatos permeados de história e ficção. Silva e Mattos (2015, p. 293) afirmam que, analisando o caso de *Mayombe*, vemos que Pepetela deixa clara toda sua impressão sobre a situação limite em que viveu, e ainda assim atenua, com traços estéticos, muitas ocorrências que tornam a história um tanto quanto verossímil para aqueles que não a presenciaram. Tal fato se justifica quando, em

seu primeiro capítulo, o autor mostra a presença de descrições de missões militares que facilmente são comprovadas pela leitura, mas que ainda assim têm o verniz literário atenuador e crível.

Em diversos momentos, o autor utiliza a memória com a intencionalidade de propor uma nova reflexão sobre a historiografia e a composição de Angola. Ainda assim, a presença da memória em *Mayombe* é impressa de forma que a memória individual de um guerrilheiro – Pepetela – seja transposta como uma memória coletiva sobre a guerra, uma vez que todos têm sua vez de expor suas visões sobre o ocorrido. Tal fato se concretiza quando atentamo-nos aos relatos como o do personagem Teoria sobre sua experiência com o colonialismo:

Eu sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tugas. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? É contra essa injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos, a tomar as coisas em mãos (PEPETELA, 2013, p.54).

Atentos a isso, vemos que os traços de memória se estendem em três ramificações. A primeira caracteriza-se como sendo a sua utilização na musealização de acontecimentos como a guerra de libertação de Angola e também na reconstrução de uma nação presa ao colonialismo. A segunda ramificação é trazer para o ato de (re)lembrar o cunho testemunhal e histórico que vai ser uma das bases para um novo olhar tanto sobre Angola quanto sobre a literatura que lá circula, transformando a narrativa em um “relógio histórico” (KJELLIN, 2011, p. 02). A última ramificação existe no fato de que, dentre as várias armas que os autores poderiam utilizar na luta pela libertação, a literatura é a que possibilita ver que a memória, a conscientização, a revolução e a recuperação de vozes silenciadas são as armas mais eficazes para se empregar no combate contra o opressor.

## **2. OS ESTILHAÇOS DA GUERRA**

Padilha (1990) traz a reflexão de que a temática da guerra inserida num contexto como o do romance, exige um olhar mais crítico. Pepetela traz para a narrativa uma consideração sobre a luta armada que leva a notar claramente a relação estabelecida entre a forma estética do romance e o conteúdo que é colocado dentro de toda a história. A

integração existente entre a guerra pela guerra, a guerra e o homem e ainda a guerra contra o homem se mostra para que cheguemos a esta “reflexão crítica” (PADILHA, 1990, p.25) que Pepetela proporciona.

Aqui vemos que a memória se mostra mais clara quando paramos para observar as impressões que a libertação deixou. O romance mostra que a luta armada traz consigo diversos pontos que refletem a construção de um documento histórico baseado na historiografia que, por meio de visões oriundas da própria guerra, nos fazem testemunhas de episódios como o nascimento de uma nação e de um povo que (re)toma sua voz e suas raízes soterradas pelos coturnos portugueses.

Entender que os estilhaços da guerra ressoam até hoje em muitas literaturas provenientes da margem da sociedade é compreender que as marcas deixadas pelos conflitos vão bem além dos mortos e feridos. A guerra pela guerra gera repercussões de grande escala, ultrapassando os limites políticos, ideológicos, econômicos, sociais e humanitários. Repensar o coletivo dentro da batalha faz com que cada sujeito que o compõe reflita profundamente sobre os fatores que motivam e movem seus ideais. Agora quando paramos para analisar a guerra contra o homem já temos essa mesma crise de identidade e crise de ideais. A figura de um soldado soberano/herói que deixa sua casa para lutar em prol da pátria é desconstruída dentro da narrativa de Pepetela. Embrenhados na mata, os guerrilheiros passam fome, brigam entre si, discutem questões que há tempos deviam estar extintas, como o tribalismo, o racismo e a corrupção e ainda assim persistem com o objetivo que move todos eles dentro daquela situação.

## **2.1. A guerra pela guerra**

Em 1576, é fundada São Paulo da Assunção de Luanda, capital de Angola. De acordo com Kjellin (2011, p. 02), após a chegada do europeu às terras angolanas, a “joia preciosa” da coroa portuguesa se tornou rapidamente alvo econômico até o século XVIII, tendo em vista a dádiva do ferro, diamantes, petróleo, manganês e cobre. Angola também se mantinha presa aos grilhões portugueses porque era uma das responsáveis pelo abastecimento e o comércio de escravos para colônias portuguesas como o Brasil, que nesse dado momento da história era demasiadamente dependente da escravidão africana. Aquelas riquezas fizeram com que as terras conquistadas para serem as “províncias ultramarinas” ficassem conhecidas, despertando o interesse de mais europeus. Na conferência de Berlim,

os interessados decidem dividir as terras entre si, o que fez com que mais portugueses se deslocassem para Angola, visando a exploração do riquíssimo solo petrolífero que se encontrava em Cabinda. O povo angolano luta pela recuperação de sua liberdade, uma vez que fora retirado de sua paz para trabalhar como escravo e o povo recém-chegado luta pela continuação da exploração intensa de recursos que sequer tinham sido descobertos por eles, o que acabou ocasionando o que Américo Boavida (apud KJELLIN, 2011, p. 03) diz sobre a luta pela libertação. Todo esse conflito acaba se tornando

a guerra de uma comunidade oprimida contra uma minoria opressora. Uma guerra entre escravizados e escravagistas, de trabalhadores forçados dos campos contra o colono senhor das plantações [...]. É uma guerra contra o parêntese de opressão de uma minoria europeia numa comunidade africana, com interesses econômicos contraditórios e inconciliáveis.

Todas as injustiças e descasos ocasionados pelas forças coloniais alimentavam a inconformidade e a revolta dentro da posição do oprimido. Algo que fora planejado com a intencionalidade de retirar a liberdade, o livre arbítrio e as raízes daqueles que eram considerados “selvagens” e “desumanos” transformou-se na concretização do desejo de liberdade, de recuperar tudo o que fora-lhe retirado. Partindo desse ideal de liberdade, boa parte dos angolanos que residiam em Lisboa retornam para sua terra e engrossam as fileiras armadas pela luta contra o regime português. Com isso, o confronto colonial entre as Forças Armadas portuguesas (FAp) e os movimentos sociais de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau ocorreu no período de 1961 e 1974. Quando estes movimentos surgiram em Angola, as FAp logo começaram a agir e ir na contramão de todos os ideais propostos pelos movimentos, prendendo um grande contingente de integrantes, entre esses integrantes estavam muitos intelectuais e escritores.

Grande parte desses intelectuais que vieram para lutar pela libertação são figuras presentes dentro de *Mayombe*. O autor procura colocá-los como aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer o além-mar e voltaram com o desejo de serem maiores que os conterrâneos que não tiveram acesso à informação. Essa visão de que os intelectuais comandam o partido se faz presente quando o comandante Sem Medo diz que “o Partido [MPLA] é dominado por intelectuais revolucionários, que procuram fazer uma política a favor do proletariado” (PEPETELA, 2013, p.113), mas que com diversas mentiras, o

povo percebe que os interesses vão bem mais além da libertação. Nota-se ainda este posicionamento quando o comandante afirma que

é demagogia dizer que o proletariado tomará o poder. Quem toma o poder é um pequeno grupo de homens, na melhor das hipóteses, representando o proletariado ou querendo representá-lo. A mentira começa quando se diz que o proletariado tomou o poder” (PEPETELA, 2013, p.112).

Em Pepetela a ação portuguesa vai bem mais além de um simples agir nos campos de batalha contra os angolanos. O autor mostra que os movimentos surgidos não representavam a população total do país, fazendo com que Portugal conseguisse agir na mente e nas concepções daqueles que ainda não entendiam certamente o que era a guerra.

Os tugas dizem que somos bandidos, que matamos o povo, que roubamos. Fizemo-vos mal? Matámos alguém? (...). Não somos bandidos. Somos soldados que estamos a lutar para que as árvores que vocês abatem sirvam o povo e não o estrangeiro. Estamos a lutar para que o petróleo de Cabinda sirva para enriquecer o povo e não os americanos. Mas como nós lutamos contra os colonialistas, e como os colonialistas sabem que, com a nossa vitória, eles perderão as riquezas que roubam ao povo, então eles dizem que somos bandidos, para que o povo tenha medo de nós e nos denuncie ao exército (PEPETELA, 2013, p. 36).

Tal episódio ocorre quando os guerrilheiros estão numa patrulha pela floresta e encontram um grupo de trabalhadores angolanos envolvido na extração de madeira sob a supervisão de um português. De imediato ocorre uma pequena discussão sobre a forma como agir com os trabalhadores, uma vez que se tinha noção que os moradores da cidade tinham sido alertados sobre os maus soldados que lutavam por Angola.

Os soldados do MPLA agem em prol de conscientizar os trabalhadores sobre sua posição dentro da luta. Por mais que não estivessem diretamente no combate, a população tinha que ser alertada sobre o papel que poderia desempenhar apenas estando ciente de que estava sendo explorada. O próprio comandante diz que sem o apoio da população a guerra se esfriaria e tomaria outros rumos, uma vez que estava direcionada para combater o colonizador, ele consegue tornar os angolanos da cidade contra os angolanos do Mayombe. Com isso, vemos que a posição de Sem Medo sobre esta situação resume-se a: “é cansativo lutar-se sem povo” (PEPETELA, 2013, p.160).

Temos de mostrar primeiro que não somos bandidos, que não matamos o povo. O povo daqui não nos conhece, só ouve a propaganda inimiga,

tem medo de nós. Se apanharmos os trabalhadores, os tratarmos bem, discutirmos com eles e, mais tarde, dermos uma boa porrada no tuga, então sim, o povo começa a acreditar e a aceitar. Mas é um trabalho longo (PEPETELA, 2013, p. 27).

A transfiguração da guerra pela libertação em frente ao embate pela manutenção da presença do colonizador em terras angolanas relembra o que Fanon (apud MENEGUCI, 2016, p. 271) diz sobre as contradições coloniais da guerra pela guerra: “a violência do regime e a contraviolência do colonizado equilibram-se e correspondem-se numa extraordinária homogeneidade recíproca”. Essa recíproca, de acordo com Meneguci (2016, p. 271), transita no universo bélico por conta da contraviolência do colonizado que gera então a situação de guerra, guerra essa que é necessária, pois é por meio da revolta que a oposição do poder e o confronto ao colonizador são impulsionados por essa contradição.

Ainda assim, diante desse *fazer guerra*, Pepetela procura deixar clara sua posição sobre a constituição da libertação. Em entrevista a Wilson Bueno (2000) o autor afirma que

Há situações em que fazer uma guerra é justo, por exemplo quando um povo quer a independência e uma potência pretende manter um regime colonial a todo preço. Foi o que aconteceu em Angola. O governo português, já de si despótico em relação ao povo português, não aceitava sequer discutir sobre a possibilidade de independência. Os angolanos não tiveram outro recurso senão a guerra. Guerra que acabou também por libertar os portugueses, hoje vivendo em democracia e progresso indesmentíveis (apud CHAVES & MACÊDO, 2009, p. 33).

A guerra era necessária para que a tão sonhada liberdade pudesse ser de fato alcançada, e somente assim a nação poderia se desvencilhar dos grilhões que a prendiam em séculos de subjugação. Quando o processo de descolonização teve fim, em 1974, outro episódio devastou o país. Uma vez livre do poder português, Angola teria que colocar um dos seus para administrar a nação livre, contudo a sede de poder fez com que eclodisse uma nova guerra, a Civil. Dos muitos partidos que lutaram pelo poder, o MPLA foi o vencedor e que até hoje governa Angola.

## **2.2. A guerra junto ao homem**

O aspecto da guerra junto ao homem constrói pontos que são de suma importância na constituição do guerrilheiro “ideal” que Pepetela coloca dentro do romance.

Apontar a existência de personagens que se metamorfoseiam constantemente é notar a existência de novas identidades, novos questionamentos e problematizações sobre a política, a convivência social e as marcas que a guerra deixa em cada um. Tais características se fazem presentes nas seguintes personagens: Teoria, Lutamos e o Comissário Político. É partindo delas que analisaremos como essas marcas delineiam a figura da guerra junto ao homem que nela está atuando.

Aos guerrilheiros do Mayombe,  
que ousaram desafiar os deuses  
abrindo um caminho na floresta obscura,  
vou contar a história de Ogun,  
o Prometeu africano (PEPETELA, 2013).

A presença da figura de Ogun e de Prometeu deixa clara a relação ambígua e paradoxal sobre a construção dos guerrilheiros. Vendo mais de perto, podemos identificar outros traços e significações como o choque de culturas, uma vez que há referências de cunho africano e grego em ressonância ao choque cultural que a colonização trouxe para África. Ogun, persona da cultura Ioruba, é tido como o deus do fogo e do ferro, o herói armado, forte e poderoso. Prometeu, oriundo da mitologia grega, aparece para ser a figura de um herói subjugado, desentendido e castigado por ter roubado o fogo dos deuses. É com esses dois tipos de figuras que lidaremos ao longo do romance. Em determinadas partes da narrativa encontramos heróis benfazejos, armados e poderosos, como Sem Medo e em logo em seguida encontramos com este mesmo Sem Medo sendo o Prometeu que dá o sopro da vida aos guerrilheiros, mas ainda assim passa pelo crivo dos julgamentos, humilhações e desentendimentos existenciais.

O diálogo que Pepetela dispõe sobre as duas figuras heroicas nos mostra que, por mais que sejam diferentes e opostas em sua significação, elas se complementam, pois juntas trabalham na construção de heróis poderosos, subjugados e castigados que “ousaram desafiar os deuses abrindo caminho na floresta obscura” (PEPETELA, 2013) para se libertarem dos grilhões portugueses e com isso, lutarem contra a natureza propriamente dita e a sua própria natureza, deixando para trás o casulo endurecido de crises e questionamentos, abrindo suas asas para o nascimento de uma nova identidade e de uma Angola unificada e liberta.

Ainda assim, os narradores se encontram aliados a um sentimento geral de violência. As personagens, de início, encontram dificuldade para se livrar de uma atmosfera violenta que os cerca, em que o principal objetivo é a vingança do colonizador e o simples



desejo de revidar a fereza que passaram durante o período de colonização. Um fato que comprova essa atmosfera de violência é quando os soldados deixam um bilhete junto a uma mina no meio do campo de trabalho, local que sabiam que passariam tropas portuguesas. Vejamos:

Quando as minas estavam bem camufladas, Sem Medo escreveu num bocado de papel: SACANAS COLONIALISTAS, VÃO À MERDA, VÃO PARA A VOSSA TERRA. ENQUANTO ESTÃO AQUI, NA TERRA DOS OUTROS, O PATRÃO ESTÁ A COMER A VOSSA MULHER OU IRMÃ, CÁ NAS BERÇAS!

E deixou o bilhete bem à vista, no meio do terreno minado. Os guerrilheiros sorriam.

— O sacana que quiser ler, vai pelo ar – disse o Das Operações.

— Foi pena não reforçar as minas com dinamite – disse Ingridão do Tuga – mas não dá tempo. (PEPETELA, 2013, p. 31-32).

Teoria, caracterizado como o primeiro narrador, é o primeiro que mostra os embates que não somente os guerrilheiros travam, mas também os que os mestiços travam em Angola e que acabam sendo revelados com maior força por conta dos conflitos na guerra.

Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não, para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? (PEPETELA, 2013, p. 14).

Inicia-se então o que Cibele Silva (2014) chama de “a busca do talvez”, pois sendo filho de mãe angolana e pai branco português, Teoria encontra-se no meio do que se entende como identidade propriamente “branca” ou “negra”. O desejo de ser angolano livre e sua luta por uma nação livre é refletido ainda na atitude de militância para que consiga, junto com Angola, ser livre com toda sua mestiçagem, sua hibridez e seu talvez. O que se pode dizer sobre esse embate que Teoria trava, representando toda a parcela mestiça de Angola, é proveniente da recuperação dos tradicionalismos que a guerra traz consigo. Os valores e ideais tradicionalistas angolanos que eclodem com o nascer do combate pela libertação faz com que conceitos e ideias assimiladas pela colonização sejam revistos e repensados no momento de retomada de consciência e identidade angolana. A posição que Teoria toma dentro da guerra se mostra individualista, pois constitui-se uma ideia que, segundo Silva (2014, p.07), “vincula-se a um projeto pessoal de formação de uma

identidade angolana” e que desconstrói “a dialética branco versus negro” e assume a perspectiva mestiça.

Dentre os demais narradores com voz dentro do romance, o que deixa seu posicionamento político e ideológico mais claro é o personagem Lutamos. Ele configura o que vemos que se tornará o responsável por deter a consciência coletiva da guerra, e também ser o percussor da ideia revolucionária que seria expressa mais tarde na figura do Comissário Político. Em determinado momento da narrativa, Lutamos é aquele que sai para avisar aos trabalhadores que a tropa passaria por um determinado local. Os demais guerrilheiros encaram isso como sendo um ato de traição, o que acarreta grande desconfiança por parte do comando. E assim desperta o desejo por mostrar ao coletivo que não se é aquilo que é impresso do sujeito.

Como convencer os guerrilheiros de outras regiões que o meu povo não é só feito de traidores? Como os convencer que eu próprio não sou traidor? (...) As palavras a meia voz, as conversas interrompidas quando apareço, tudo isso mostra que desconfiam de mim. Só o Comandante não desconfia (...). Quem me defenderá dos outros, quem terá a coragem de se opor ao tribalismo? Terei de ser eu a impor-me, sendo mais corajoso que ninguém (...). Depois de amanhã, no combate, serei como o Sem Medo. O meu povo o exige (PEPETELA, 2013, 163).

A guerra fez com que Lutamos e sua consciência coletiva ficassem frente a frente com a metodologia do preconceito partindo dos demais companheiros. Em diálogo com o que Teoria passa também com sua situação, vemos que a seguinte citação se encaixa nos dois casos de discriminação racial, ideológica ou social.

Tenho procurado sempre dominar-me, vencer-me... compreendes? É como se eu fosse dois: um que tem medo, sempre medo, e um outro que se oferece sempre para as missões arriscadas, que apresenta constantemente uma vontade de ferro... Há um que tem vontade de chorar, de ficar no caminho, porque o joelho dói, e outro que diz que não é nada, que pode continuar. Porque há os outros! Sei que, sozinho, sou um covarde, seria incapaz de ter um comportamento de homem. Mas quando os outros estão lá, a controlar-me, a espiar-me as reações, a ver se dou um passo em falso para então mostrarem todo o seu racismo, a segunda pessoa que há em mim predomina e leva-me a dizer o que não quero, a ser audaz, mesmo demasiado, porque não posso recuar... É duro! (PEPETELA, 2013, p.43).

A guerra faz com que o homem viril e corajoso se sobressaia àquele que prefere exteriorizar seus medos e inquietações. Aqui vemos claramente o que falávamos sobre a dialogia entre Ogun, o herói forte e varonil, e Prometeu, o herói subjugado e castigado.

Essa dialogia se dispõe em quase todos os guerrilheiros, que enfrentam situações que ora exigem a garra e a força de um soldado em combate e ora pedem a externalização de todos os sentimentos que os homens no Mayombe preferem esconder.

Levando em consideração todos esses pontos parece que Pepetela nos prepara para uma transformação identitária que ainda estava por vir. Acredita-se que a maior configuração de mudança de pensar dos personagens se constitui na figura do Comissário Político. Iniciando o romance como sendo o “protegido” pelo comandante, o “miúdo” traveste-se na figura daquele que precisa entender o que é a guerra e o que é estar na guerra para que se possa compreender as razões de muitos acontecimentos. Existem ainda situações que configuram o processo doloroso e necessário que o Comissário precisa passar. Não somente o Comissário, mas a maioria dos guerrilheiros usavam a guerra como válvula de escape para as situações que fugiam do campo militar. Neste trecho vemos que o “miúdo” encontra na mata um refúgio para todas as suas frustrações e problemas que povoam um espaço pelo qual muitos soldados em guerra idealizam: a volta ao lar.

O cortejo de cinco homens meteu-se na mata, na noite, em passo acelerado, ritmado por um Comissário que fugia, como louco, para não desesperar, correndo para a sua Base, onde as coisas eram normais, onde os homens faziam o que podiam para lutar e para esquecer o clima que reinava nas suas costas (PEPETELA, 2013, p. 89).

O Comissário sofre com seu processo de mudança. Enxergamos esse traço mais explícito quando, no epílogo, temos a mudança de fórmula de título que sai do “EU, O NARRADOR, SOU...” e se torna “O NARRADOR SOU EU, O COMISSÁRIO POLÍTICO”. O ritmo de escrita e de fala, seja de Pepetela, seja do “miúdo”, mostra que algo está diferente. O próprio personagem entende que tudo que ele passara antes, durante e depois da guerra fizera parte do seu amadurecimento e conclui que, por mais doloroso que tenha sido, as marcas que ficarão se tornarão cicatrizes profundas e significativas em sua existência.

A morte de Sem Medo constituiu para mim a mudança de pele dos vinte e cinco anos, a metamorfose. Dolorosa, como toda metamorfose. Só me apercebi do que perdera (talvez o meu reflexo dez anos projetado à frente), quando o inevitável se deu. (...). Eu evoluo e construo uma nova pele. Há os que precisam de escrever para despir a pele que lhes não cabe já. Outros mudam de país. Outros de amante. Outros de nome ou de penteado. Eu perdi o amigo (PEPETELA, 2013, p. 247).

O processo de metamorfose é algo que todos os soldados, reais ou ficcionais, estão sujeitos a passar, uma vez que a guerra é um acontecimento extremo que marca e deixa estilhaços por todos os cantos, inclusive os campos da memória, da identidade e acima de tudo da humanização. Em *Mayombe* podemos ver que essa metamorfose atinge os guerrilheiros que mais se dispõem a entender e racionalizar todos os meandros da guerra em si, não excluindo os demais soldados, mas nos atemos ao que mais deixam claras as suas propostas de mudança de pensamento e ideal. A problemática que os move faz com que se juntem e assim lutem em prol tanto da liberdade quanto da sua própria libertação. Fazendo-se justa e necessária, guerra pela libertação mudou os homens de Pepetela, mudou Pepetela, e também mudou e moldou uma Angola formada política e criticamente rumo à sua libertação.

### **2.3. A guerra contra o homem**

Há vezes em que um homem precisa de sofrer, precisa de saber que está a sofrer e precisa de ultrapassar o sofrimento. Para quê, porquê? Às vezes, por nada. Outras vezes, por muita coisa que não sabe, não pode ou não quer explicar (PEPETELA, 2013, p. 15).

Partindo da discussão instaurada na seção anterior, entramos então na análise do ponto em que a guerra de libertação se dispõe contra o homem-soldado atuante. Antes de tudo precisamos entender que a guerra de libertação é tido aqui como o conceito geral do que acontece dentro do *Mayombe*. Esta guerra é composta por diversas batalhas que vão desde a batalha contra o colonialismo até a batalha pela vida. A guerra era vista pelos guerrilheiros como sendo uma válvula de escape para os problemas que rodeavam por fora a floresta do Mayombe, porém, acredita-se que o fato de os personagens quererem fugir dos embates travados além da guerra se dava por conta dos demasiados problemas que havia dentro da própria guerrilha, como a fome, as intrigas, o tribalismo, o racismo, a corrupção, os amores e o próprio colonizador.

A intenção do autor era desconstruir a ideia de que os guerrilheiros precisariam estar nos altares junto aos santos. A perspectiva que a cultura ocidental propagara ao mundo sobre o soldado – principalmente o soldado americano – bravo e voraz que se dispunha a sair de sua casa para ir aos campos de batalha lutar por seu país é enaltecida em *Mayombe*, mas em sua forma contrária. Tem-se o ideário de que os guerrilheiros foram heróis e de suma importância na luta pela libertação, mas a questão que Pepetela aponta é a questão de

que, segundo Melo (apud CHAVES & MACÊDO, 2009), os soldados que estavam embrenhados na mata eram homens comuns, que lutavam constantemente com seus defeitos e fragilidades, com seus medos e tribulações e que muitos desses homens ainda não entendiam e não tinham o esclarecimento devido sobre a luta que os fizera heróis. Temos então aqui a primeira batalha que os guerrilheiros passavam ao se confrontarem com a guerra: a falta de instrução.

Quem não quer estudar é um burro e, por isso, o Comissário tem razão. Queres continuar a ser um tapado, enganado por todos... As pessoas devem estudar, pois é a única maneira de poderem pensar sobre tudo com a sua cabeça e não com a cabeça dos outros. O homem tem de saber muito, sempre mais e mais, para poder conquistar a sua liberdade, para saber julgar. (...). Por isso toda a gente deve estudar, o objetivo principal duma verdadeira Revolução é fazer toda a gente estudar (PEPETELA, 2013, p. 75).

No episódio citado acima, Sem Medo falava sobre os guerrilheiros que fugiam dos momentos que eram reservados para as aulas para fazerem coisas mais interessantes. Ele via que a revolução dava oportunidades para seus componentes se instruírem e entenderem o motivo pelo qual se movimentavam, libertando-os então da já conhecida atmosfera violenta e apresentando-os aos ideais políticos e coletivos que povoavam a intencionalidade da guerrilha.

Ainda dentro do universo da instrução, em um outro momento da narrativa vemos que as aulas se tornam uma distração para tirar a atenção de problemas como a fome e o isolamento vivido dentro da floresta. Algo que no início da narrativa era tido como uma “perda de tempo” para os guerrilheiros, agora transformara-se em uma das válvulas de escape para os embates que a guerra provocara, “pois, de qualquer modo, ajudavam a passar o tempo e a esquecer a fome” (PEPETELA, 2013, p. 85).

Partindo disso, chegamos então à segunda batalha que os guerrilheiros enfrentam: a fome. Por diversas vezes vemos que ela é tida como o gatilho para que mais problemas surgissem, pois “acentuava o nervosismo e o tribalismo” (idem, p. 83) entre os guerrilheiros. Medidas foram tomadas. O comando decide mandar um representante à capital para que se pudesse resolver o problema, mas encontramos também outra batalha, agora fora da floresta: a corrupção.

Mandam-nos mais bocas e não mandam comida. Comissário, tens de ir lá fora arranjar comida. Se um de nós não vai, bem podemos morrer de fome, que os civis do exterior não se preocuparão. É assim esta guerra! (PEPETELA, 2013, p. 70).

Enquanto o Comissário estava em missão na cidade, os guerrilheiros travavam lutas bem mais pesadas que a que se dava contra o colonizador. A fome e o descaso para com aqueles que lutam pela nação sejam os principais motores que sustentam as maiores problemáticas dentro do romance. Contudo, vendo que seus guerrilheiros agonizavam em seu interior, o deus Mayombe, que até então tinha atitudes maternas que só visavam fomentar o crescimento dos filhos guerreiros, decide auxiliar e “curvar-se” diante da necessidade vital, dando a eles “a sombra protetora, e os frutos” (PEPETELA, 2013, p. 68).

O Mayombe tinha criado o fruto, mas não se dignou mostrá-lo aos homens: encarregou os gorilas de o fazer, que deixaram os carochos partidos perto da Base, misturados com as suas pegadas. E os guerrilheiros perceberam então que o deus-Mayombe lhes indicava assim que ali estava o seu tributo à coragem dos que o desafiavam: Zeus vergado a Prometeu, Zeus preocupado com a salvaguarda de Prometeu, arrependido de o ter agrilhado, enviando agora a águia, não para lhe furar o fígado, mas para o socorrer (PEPETELA, 2013, p. 67-68).

Vemos então a floresta como elemento que apazigua e condiciona o comportamento e as atitudes dos guerrilheiros. Ao passo que oferece abrigo, proteção e afeto, ela cobra no mesmo preço a solidão, privação, medo e angústia por ali estarem.

Chegando em Dolisie<sup>5</sup> encontramos mais problemas junto com o Comissário. Enviado à cidade para resolver a fome que se estabelecia na base, João, o verdadeiro nome do Comissário, enfrenta agora o embate amoroso, pois se vê dividido entre matar as saudades da noiva e arranjar alimento para os companheiros em calamidade.

Os camaradas tinham fome, ele viera por isso (...). Não viera por Ondina<sup>6</sup>. A custo respondeu:  
— Tenho de seguir daqui a pouco. Não temos comida na Base...  
Ondina não replicou. Virou-lhe as costas e partiu para a sala. O Comissário ficou vendo-a, o chapéu guerrilheiro a passar duma mão para a outra, o nome dela atravessado na garganta. Foi visitar os camaradas feridos, passando tempo, passando a esponja sobre a atitude dela. Ele é que se sentia culpado (PEPETELA, 2013, p. 80).

Temos a guerra que desencadeia o distanciamento de si e do lar, este distanciamento traz consigo a saudade de casa, que traz as fortes emoções, que junto às dificuldades (como a fome, o cansaço e a fadiga) transportam as decisões difíceis, como esta que João tem de tomar rapidamente. A guerra e o sentimento de liberdade se

---

<sup>5</sup> Cidade localizada a Oeste de Congo.

<sup>6</sup> Personagem que é a noiva do Comissário Político. Aparece como figura principal em um dos capítulos com mesmo nome.

digladiam internamente com o amor e o sentimento nutrido por Ondina, o que traz mais uma problemática para o lidar com a batalha. Escolher entre o coletivo e o individual é o que mais vemos presente dentro do romance em questão, uma vez que as impressões pessoais que Pepetela traz sobre a guerra levam para uma discussão que vai além dos campos de batalha.

Lidando com todos os problemas, resolvendo todos os imprevistos ocorridos, a fome é saciada por um tempo dentro da base. O camarada André é condenado à prisão por ter dormido com a noiva de um dos guerrilheiros e Sem Medo assume o comando da cidade temporariamente. Chefe das Operações vai até a cidade para auxiliar no transporte dos mantimentos, e a leitura se torna mais agradável e satisfeita quando nos deparamos com a chegada do grupo de reabastecimento. Vejamos:

Os guerrilheiros abandonaram o que estavam a fazer, correram para a entrada do caminho, esquecendo mesmo as armas. Sabiam que só podia ser o grupo de reabastecimento do Chefe de Operações. Os abraços dos que chegavam e dos que os esperavam mostravam não só a alegria de se reencontrarem como também o sentimento de quebra do isolamento. O ambiente distendeu-se imediatamente na Base, com gritos e gargalhadas, abraços à mistura (PEPETELA, 2013, p. 83).

Após ter passado pela corrupção, pela fome, pelos embates entre as dores de guerra e os amores, chegamos, então, ao que ecoa no romance inteiro e que é considerado um estilhaço não somente da guerra colonial, mas também das guerras entre os próprios partidos: o tribalismo. O tribalismo é tido dentro do romance como uma das maiores batalhas que os guerrilheiros enfrentam, pois além de lutarem contra o colonizador, os soldados estão sujeitos a lutarem entre si, de investirem em discussões tribais com os próprios irmãos de farda. Como já dito, sabemos que a guerra faz com que todo o sentimentalismo de recuperar as nacionalidades e as tradições ressurgja e traga consigo a ideia de apenas existir a raça puramente “branca” e “negra”, ou até mesmo a ideia de que uma tribo é “melhor”, “mais forte” e mais “merecedora” que qualquer outra. Casos como o de Teoria, Muatiânvua e o próprio Sem Medo comprovam isso.

Ninguém se queria oferecer, porque Muatiânvua é um destrabalizado. Fosse ele kikongo ou kimbundo e logo quatro ou cinco se ofereceriam... Quem foi? Lutamos, que é cabinda, e Ekuikui, que é umbundo. Uns destrabalizados como ele, pois aqui não há outros cabindas ou umbundos... É assim que vamos ganhar a guerra? (PEPETELA, 2013, p. 53).

Por meio das reflexões que Muatiânvua faz, Pepetela imprime seus pensamentos sobre a existência do tribalismo dentro do movimento libertário. Muitas vezes os

guerrilheiros utilizam a memória para recuperar e reafirmar acontecimentos hostis entre determinadas tribos, entre os companheiros e os colonizadores, o que acaba enfraquecendo o coletivo e principalmente a luta.

Com isso, vemos que os pontos elencados são bases sólidas que sustentam a significação dos estilhaços presente na vivência dos guerrilheiros. Pepetela traz personagens que contêm traços da identidade angolana individual e coletiva. As dificuldades que os guerrilheiros passaram servirão para edificar o nascimento de uma força maior, força essa que se caracteriza na presença do sentimento de luta, amor à pátria e autolibertação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pepetela carrega consigo grandes vivências que permeiam o nascimento de uma Angola unificada e também a construção de uma arte literária engajada que nutre de forma atemporal as veias de uma revolução identitária e política. Trazendo o diálogo entre a história e a ficção deparamo-nos com personagens que agem para além da literatura. Ao dar voz a estes personagens Pepetela rompe barreiras de cunho ideológico, político e social, que até 1975 estavam de pé dividindo conceitos sobre o *ser angolano*. É importante que, assim como Pepetela, utilizemos a memória para recuperar e reafirmar o que fora dito sobre as narrativas angolanas sobre o processo de libertação. A guerra, os homens nela envolvidos e os produtos dessa luta podem ser elencados como os estilhaços que ainda hoje reverberam pelas ruas angolanas.

As relações que a guerra estabelece pedem um olhar que se volte para a questão de que a guerra é figura que compõe a transição e o amadurecimento de uma nação a ser liberta. Com isso, a resistência armada, tanto a real quanto a ficcional, serviu como forma de expressar fortemente a resistência cultural, social e humanitária presente dentro de cada angolano que compunha as fileiras. Os guerrilheiros vestem um traje de heróis desconstruídos que desafiam os deuses para se firmarem como (re)construtores de uma nação em que seus nativos retomam o direito de serem os próprios heróis de sua existência e de sua conquista. Podemos ainda crer na ideia de que a figura geral dos soldados pode se encaixar na ideia de que, de alguma forma, eles seriam esse prometeu africano que rouba o fogo dos deuses para dar vida aos humanos.



Assumindo o diálogo entre a história e a ficção, Pepetela coloca o *Mayombe* como uma narrativa que age em duas frentes de combate: a política e a cultural. A guerra se move junto com a circularidade dos personagens, tomando para si as discussões, repercussões e modificações que acontecem entre os seus componentes. A memória, a história, a literatura, a guerra e a busca pela identidade marcam e sustentam o destino desses muitos Oguns, que ousaram desafiar os deuses abrindo caminho na floresta obscura.

## REFERÊNCIAS

CHAVES, Rita. **Mayombe: um romance contracorrentes**. In: *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 125-139.

\_\_\_\_\_. MACÊDO, Tânia (Orgs.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

FONTES, Maria Helena S. **A metaficção historiográfica na obra de Pepetela**. Ciências Humanas e Sociais em revista (impresso), v. 33, p. 127-139, 2011.

KJELLIN, Evillyn. **Mayombe: narrativa de guerra em meio à independência angolana**. Travessias (UNIOESTE. Online), v. 5, p. 258-270, 2011.

MACÊDO, Tania. **Uma guerra, várias escritas**. Letras (Santa Maria), Santa Maria, v. 23, n.º -, p. 11-119, 2001.

MENEGUCI, Sebastiana R. C. **A guerra colonial e suas contradições representadas por Luandino Vieira em *Nós, os do Makulusu* e Pepetela em *Mayombe***. Revista Athena, vol. 11, n.º. 02. Mato Grosso: UNEMAT, p. 268-282, 2016.

PADILHA, Laura C. **Ficção e guerra angolana: a perda da inocência**. In: II CONGRESSO DA ABRALIC, 1991, Belo Horizonte. Literatura e Memória Cultural - 2º Congresso Abralic. BELO HORIZONTE, 1990. v. 1. p. 545-550.

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: LeYa, 2013.

SELIGMAN-SILVA, Marcio. **História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

SILVA, Cibele V. C. **Mayombe: uma estória de guerra e identidades: um breve estudo sobre a personagem Teoria**. In II Congresso Nacional de Africanidades e Brasilidades, 2015, Vitória. Anais do Congresso Nacional de Africanidades e Brasilidades, Vitória: DLL, UFES, v. 01, p. 1-11, 2014.

SILVA, Rejane. MATTOS, Tatiane R. **Mayombe: presença da guerra, perspectiva histórica e memória na construção do romance**. Revista Cerrados (Brasília. Online), v. 24, p. 289-302, n. 2016. Acesso em: 20/11/2017.